

Jornal Laboratório Projétil¹

Cassia Modena de Souza²

Ana Cláudia Heck³

Mário Luiz Fernandes⁴

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO

Colocar em prática o conhecimento adquirido em sala de aula é desejo do professor e do aluno. O Projétil é um jornal laboratório que oferece a ambos essa oportunidade.

O jornal universitário é uma publicação produzida somente por estudantes que vem aliando o ensino e a prática de jornalismo há mais de 20 anos no curso de Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; reportagem; laboratório.

INTRODUÇÃO

O jornal laboratório Projétil é o primeiro contato que estudantes de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) têm com a prática efetiva de jornalismo na redação. Todo o trabalho na produção da publicação é feito apenas por estudantes de graduação do curso e tem a intenção de preparar para o mercado de trabalho.

O Projétil irá completar 22 anos no segundo semestre de 2012, e foi produzido por acadêmicos de todas as turmas de Jornalismo que passaram por esta universidade. Aliada ao ensino, a prática se consolida nas aulas das disciplinas de Edição, Redação e Planejamento Gráfico, ministradas, respectivamente, pelos professores Mário Luis Fernandes, Mário Marques Ramires e José Márcio Licerre.

¹ Trabalho submetido ao XIX Prêmio Expocom 2012, na Categoria Jornalismo, modalidade Jornal-laboratório Impresso.

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo, email: cassiamodena@hotmail.com.

³ Estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo, email: nika_heck@hotmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo, email: mario.fernades@ufms.br.

O nome Projétil tem relação com a proposta de “cutucar as feridas” sociais, de ser um tiro certo, e de causar impacto com um único disparo, muito bem mirado e rápido, como uma reportagem que acerta o alvo. A ideia e nome foram sugeridos por um aluno da primeira turma do curso.

Compõem o trabalho jornalístico realizado pelos alunos a produção de pauta, a pesquisa, a entrevista, a escrita de reportagem, artigo ou editorial, a fotografia, a ilustração, a edição e a revisão.

Depois de pronto, o resultado final da produção em equipe é impresso e circula dentro e fora da universidade, destinando-se a todo o tipo de leitor.

O Projétil é impresso a cores e tem quatro edições anuais, com periodicidade não definida. São 5 mil exemplares por edição, com 24 páginas cada, distribuídos gratuitamente no campus da universidade, em bancas de jornal e tradicionalmente em uma das mais movimentadas avenidas de Campo Grande (MS), aos domingos ⁵.

As quatro edições produzidas em 2011 são a amostra usada como enfoque deste trabalho.

OBJETIVO

A edição comemorativa aos 20 anos do jornal tem a seguinte frase na capa: “Há 20 anos de olho no leitor”. Assim como todas as publicações jornalísticas, o Projétil está atento aos interesses do leitor, com a diferença que, ao mesmo tempo, se dispõe a fazer parte do aprendizado do aluno-repórter.

O jornalismo interpretativo é posto em prática pelos aprendizes de jornalistas, com a mesma definição que relata Beltrão:

“Dimensão comparada, a interligação com outros fatos, a incorporação do fato a uma tendência e a sua projeção para o futuro... Jornalismo investigativo (...) relaciona-se com o jornalismo interpretativo ou analítico, pois, ao inquirir sobre as causas e origens dos fatos, busca também a ligação entre eles e oferece a explicação da sua ocorrência” (BELTRÃO, 1980, p.45)

⁵ Tradicionalmente aos domingos, no período da manhã, jornais semanários ou de periodicidade mensal são distribuídos gratuitamente na avenida Afonso Pena, uma das mais importantes de Campo Grande. Geralmente, os “jornaleiros” ficam na calçada e entregam as publicações a motoristas de veículos que se aproximam ou para pessoas que caminham pelo local. Acadêmicos que participaram do Projétil também são convidados a distribuir aquilo que produziram na avenida e fazer parte do grupo que cultiva o costume, que não é comum em outras cidades do país.

Em suas obras, o autor cita a interpretação dos fatos como uma característica que deveria assumir o jornalismo, além das de atualidade, variedade e periodicidade, por exemplo, que são mais comumente reconhecidas.

A orientação dos professores envolvidos no processo é de que os alunos busquem aquilo que a mídia deixou de noticiar ou não noticiou com riqueza de detalhes e fontes – sem descartar, é claro, a possibilidade do furo jornalístico. O objetivo logo vai se assemelhando com a proposta do jornalismo interpretativo: explorar o que deve ser explorado para que o público compreenda da melhor forma aquilo que a reportagem pretende trazer à tona. Muitas vezes, o gênero é também uma oportunidade para se fazer notar um detalhe que pode ter passado despercebido, mas que tem importância.

O Projétil visa garantir pluralidade ao abordar todos os possíveis lados da história e oferecer voz a eles. Sejam fontes oficiais, especialistas, populares ou acusados por denúncia, todos terão a chance de se defenderem, contraporem opiniões e expor detalhes fatos em que estão envolvidos.

Uma das últimas edições publicadas – a de número 71 – busca quebrar estereótipos que, segundo Lippman (2010, p.85), são formados quando “os fatos que vemos dependem de onde estamos posicionados, e dos hábitos de nossos olhos. Na maior parte dos casos, nós não vemos em primeiro lugar, para então definir, nós definimos primeiro e então vemos”. O Projétil não quer reproduzir essas impressões pré-concebidas em suas páginas quando elas ferem algum direito ou se referem a imagens nada parecidas com a realidade. Os alunos são convidados a ver o mundo com olhos novos.

A linguagem é um dos meios que torna possível a relação com o público do jornal, ainda não definido, é certo, mas enxergado como aquele que, independente de sexo, idade, posição social e nível de escolaridade, consegue entender o que está escrito. Escrever para todos os públicos é uma das metas editoriais.

Manter as páginas atraentes aos olhos do leitor é um dos pontos que o jornal laboratório prioriza. A diagramação padrão, o colorido, o uso da fotografia e de infografia – principalmente nas edições mais recentes – faz com que o texto ganhe mais sentido, ainda mais com tantos aliados.

JUSTIFICATIVA

Os alunos-repórteres refletem, inevitavelmente, antes, durante e após o término das produções, seja pensando em pautas elencáveis, em correções e melhoramentos no texto e, ao final de tudo, fazendo uma análise do resultado e ouvindo críticas e elogios.

O jornal é produzido enquanto os estudantes estão cursando o quarto e o quinto semestres, durante as disciplinas de Planejamento Gráfico, Redação e Edição. O conhecimento absorvido em módulos anteriores das mesmas disciplinas e também em outras como Fotojornalismo e Reportagem, Entrevista e Pesquisa Jornalística, são o ponto de partida para a produção de pautas jornalísticas e para o desenvolvimento do produto.

Se o Projétil serve como um aprendizado mais próximo à prática, o motivo de se publicar a produção feita exclusivamente por futuros jornalistas é principalmente o de mostrar à sociedade como são e o que estão pensando os profissionais que estão sendo formados. A publicação é só uma “amostra” do que o profissional em formação pode oferecer futuramente, e é relevante ao cidadão, já que os autores se tratam de estudantes de uma universidade pública, financiada por dinheiro público.

Produzir o Projétil é uma prática intensa que pode ser considerada semelhante à rotina vivida nas redações de jornais. Primeiro, o aluno é convidado a pensar no que o leitor quer e precisa saber, e depois tem que decidir de que jeito o que for contado pode se tornar mais facilmente compreensível. Para Lippmann, as palavras são como moedas e “Não há qualquer certeza de que a mesma palavra evocará exatamente a mesma ideia na mente do leitor como a produzida na do repórter.” (2010, p.70)

O aluno tem cerca de dois meses de prazo para produzir, a contar da entrega da pauta até o fechamento do jornal. O tempo é algo com que os repórteres aprendem a lidar. Escolher as fontes certas, aproveitar ao máximo cada entrevista e cada conhecimento repassado, pensar em títulos, dar o enfoque mais adequado à matéria, pensar acerca da imagem que pode ilustrar um assunto e revisar com atenção são apenas alguns dos passos seguidos pelo aprendiz de repórter.

O jornal laboratório é uma demonstração antecipada do que o ensino na universidade poderá render como frutos à sociedade. A preparação de jornalistas para o mercado de trabalho nestas instituições pode trazer resultados como a prática de um jornalismo mais comprometido e de mais qualidade.

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Quatro vezes por ano, a técnica de produção do Projétil se repete. Não foi sempre a mesma, já mudou e vai continuar mudando.

Tudo o que é produzido é avaliado. O aluno é monitorado desde a entrega e exposição da pauta até o envio do produto final de seu trabalho.

Os alunos têm um prazo para produzir uma reportagem em todos os seus processos (buscar conhecimento sobre o assunto, buscar fontes, escrever, fotografar). As primeiras versões do texto, produzidas e editadas dentro do aplicativo Microsoft Word, devem ser entregues ao professor para correção.

Se deslocar ao local do fato ou até onde esteja a fonte é tarefa que o aluno realiza por meios próprios. Para gravar entrevistas das fontes em áudio, fotografar e usar um aplicativo para digitar textos, ele pode dispor de equipamentos como câmera fotográfica, gravador de áudio e computadores que estão na universidade.

Depois que todo o material solicitado dentro do prazo é entregue, os reparos estão feitos, e o texto está editado conforme orientação do docente, a diagramação pode começar a ser feita a partir do programa Adobe Page Maker 7.0.

No aplicativo Adobe Photoshop 7.0, os fotógrafos podem fazer ajustes em imagens e ilustrações, que caberão em um lugar definido da diagramação.

O aplicativo Corel Draw 12 é utilizado pelos alunos para trabalhar ilustrações como box de texto, tabelas, gráficos e detalhes da capa.

Depois que cada repórter concluiu todo o processo, as páginas produzidas por cada um são juntadas conforme ordem anteriormente definida pelo grupo, e copiadas para um arquivo único, que contém as 24 páginas vazias do jornal, prontas para serem preenchidas. Se o conjunto que compõe capa, editorial, artigo de opinião, matérias, fotografias e infografias está pronto, é hora de imprimir.

Como não há uma gráfica dentro da universidade, a gráfica de uma empresa jornalística privada é contratada para a impressão. A impressora utilizada pela atual contratada é uma rotativa *offset* Harris Z15. A impressão é em policromia, CMYK, em papel jornal com medidas de 57,5 centímetros de largura por 31,5 centímetros de altura.

DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

As quatro edições do Projétil abordadas neste trabalho são as de número 70 (Precisamos mesmo comer o planeta?), 71 (Vozes do Contra), 72 (Catadores: do lixão à

profissão) e 73 (1% para a cultura, a luta continua), todas publicadas em 2011, nos meses de julho, agosto, novembro e dezembro, respectivamente.

Vinte e dois alunos participaram da edição 70; vinte e um da 71e da 72; e quinze da edição de número 73. As duas primeiras edições foram produzidas por um grupo de alunos, dividido em duas turmas, e as duas últimas por outro grupo, também dividido em duas turmas para a realização dos trabalhos.

O processo de produção se assemelha ao que acontece nas redações de outros jornais impressos: a definição das pautas que serão trabalhadas e da equipe de líderes (editor-chefe geral e editores-chefes de cada editoria), a busca pela pesquisa e entrevistas pelo repórter, a elaboração de um texto que deverá passar pela avaliação de um professor, a produção de ilustrações e fotografias, a edição, a revisão, a diagramação e, ao final de tudo, a distribuição, que também é feita por alunos.

São feitas, por edição, duas reuniões de pauta com cada turma – antes de ser dividida em dois grupos – que acontecem entre alunos-repórteres e professores orientadores. Nas duas reuniões, os alunos trazem pautas, as defendem e exploram suas possibilidades dentro do jornal junto com os professores. O tema abordado por cada aluno é, geralmente, de livre escolha.

Os repórteres se comprometem a trazer uma reportagem com fontes para a primeira avaliação do orientador. Essa primeira versão ainda poderá ser editada quantas vezes for necessário, se isso for um consenso entre aluno e professor. Cada repórter recebe também a orientação do editor-chefe e do chefe de sua editoria.

Nos quatro números publicados em 2011, as editorias ou seções do jornal variaram. Esta é outra característica do Projétil: as editorias não fixas. Na edição 72, por exemplo, foram publicadas reportagens nas editorias de Cidade, Educação, Economia e Comportamento, enquanto, e na edição 73 as editorias foram de Cidade, Cultura, Economia e Comportamento e Turismo Fast Food.

Para exemplificar melhor ainda como as editorias são livres e permutáveis, a edição de número 71 trouxe a temática Vozes do Contra, com reportagens que desmentiam preconceitos, estereótipos e davam voz a um lado que, na maioria das vezes, é omitido pela grande mídia. As editorias fugiram do padrão das de um jornal impresso comum: Ações Afirmativas, Política, Tecnologia, Religião, Virgindade, Violência, Prostituição, Comportamento e Mulheres!, onde as matérias deveriam se encaixar.

Juntos, editores, editor geral, repórteres e professores revisam as reportagens já diagramadas individualmente. Após isso, uma nova reunião deverá definir a reportagem de capa, as reportagens destaque de cada seção, o artigo de opinião e o editorial.

Quando esse processo é finalizado, tudo é hierarquizado. Serva, considera que o jornalismo quer organizar o caos e um dos artifícios usados para tentar manter a ordem é a divisão por editorias e a hierarquização na edição.

“O resultado desse trabalho de edição é uma página organizada – ou a soma de várias páginas, um jornal ou uma revista completos, também chamados ‘edição’ –, com os fatos hierarquizados conforme a cultura do tempo, a intuição dos editores, o potencial surpreendente dos fatos ou ‘o desejo dos leitores’ (...).” (2005, p.55 e 56)

Se tudo está em ordem e não há mais nada a ser editado, o último passo é a impressão. Um arquivo único com o conteúdo do jornal é levado para a gráfica. As cinco mil publicações são entregues aos alunos, que realizam a distribuição de sua primeira produção jornalística impressa e fazem suas ideias circularem.

Conteúdo das edições 70 a 73

Os alunos mostram produções variadas nas edições do Projétel. Bons exemplos são: Depois que a pesquisa “Pegada Ecológica” foi divulgada pela ONG WWF Brasil, com dados sobre consumo de água, carne e energia elétrica, um dos repórteres do Projétel usou os dados informados – principalmente o de consumo de carne, que é o maior do país em Campo Grande, segundo o estudo – para fazer uma reportagem. Ele ouviu especialistas no assunto e relacionou a questão com o fato de Mato Grosso do Sul ser uma das potências em pecuária no Brasil. A foto de capa da edição 70, onde a matéria foi publicada, foi impactante: um bife cru pronto para ser degustado de uma só vez.

A reportagem de capa na edição 73 foi ‘1% para a cultura, a luta continua’. A autora mostrou que a porcentagem da verba destinada à área de investimento é garantida por lei, mas não é respeitada pela Prefeitura de Campo Grande e de outras capitais brasileiras. As manobras políticas que foram feitas para desviar a atenção que deveria ser dada a cultura foram expostas pela repórter, que produziu parágrafos com apanhados dos argumentos do movimento que reivindica o 1%, com fontes diretamente relacionadas ao assunto.

‘Vozes do Contra’ e ‘1% para a cultura, a luta continua’, trouxeram encartes fotográficos sobre a Marcha da Liberdade ocorrida em Campo Grande, e sobre o Festival

Nacional de Teatro de Campo Grande (Festcamp), temas atuais naquele momento. Quatro páginas foram ao reservadas encarte, por edição.

A reportagem 'Catadores: do lixo a profissão' da edição 72, oferece ao leitor um relato de campo, a apuração dos fatos in locu, que dá ainda mais valor ao trabalho jornalístico. As duas repórteres autoras desta reportagem, modelaram, conforme Lage (2001, p. 27) a realidade com o uso de percepção e sensibilidade, competências humanas que podem ser aprimoradas por práticas como essa.

CONSIDERAÇÕES

Há três coisas que não vão ser esquecidas pelos alunos que participaram da rotina de produção do Projétil: a primeira impressão de como é estar em uma redação; trabalho em equipe; e a noção de como uma reportagem pode ser melhorada sempre que editada.

Ao final, é possível considerar o processo de produção como completo, pois, além de simular o trabalho do mercado, ainda prepara para futuras disciplinas a serem cursadas e para outras áreas do jornalismo, não só a do jornal impresso.

Estímulo tão grande quanto manter vivo o jornal, que fornece uma experiência única aos alunos, seria ampliar o número de publicações anuais, o número de páginas e de tiragem, e o oferecimento, por parte da universidade, de subsídios e recursos que levem os alunos a produzir reportagens mais aprofundadas e com o máximo de elementos possível.

A criação de um Projétil on-line poderia servir como complemento à prática do impresso e como uma segunda parte da avaliação. Como a linguagem da *Web* é diferente da utilizada no impresso, os alunos teriam a possibilidade de fazer comparações e realizar convergências entre mídias. A infinidade de plataformas e possibilidades de gêneros a serem explorados dentro da rede só acrescentaria ao rol de experiência dos alunos-repórteres, e poderia ser testada em outras disciplinas com conteúdo desse teor.

O Projétil já é conhecido pelo público campo-grandense como um jornal crítico, que trata de temas de interesse social. A possibilidade de se ampliar o alcance da publicação fará com que o nome dos alunos e do curso seja levado adiante. E que as questões abarcadas pelo jornal laboratório mantenham a tradição do jornalismo centrado em temas de relevância social, de interpretação e contextualização dos fatos e de denúncias e críticas apartidárias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, 1980

LAGE, Nilson. **A reportagem: Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIPPMANN, Walter. **Opinião pública**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010..

SERVA, Leão. **Jornalismo e desinformação**. 3º ed. Editora Senac São Paulo. São Paulo, 2005.